

EVARISTO DE MORAES: SUBJETIVIDADE, POBREZA URBANA, DIREITO E TRAJETÓRIA INDIVIDUAL

Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva*

Há algum tempo historiadores e cientistas sociais destacam a importância da análise da trajetória individual, em diferentes sentidos, para estudos que se propõem compreender a formação do pensamento político e social e o direcionamento conferido pelos intelectuais à suas concepções de mundo e sociedade¹. Como sugere Carlo Ginzburg², o debate acerca da inexistente neutralidade do trabalho intelectual já se encontra atualmente ultrapassado, mas o momento exige que sejam apresentadas as possibilidades de desenvolvimento de um trabalho que mesmo não sendo neutro e objetivo seja, não obstante, pautado em investigações empíricas que provenham à análise do intelectual, neste caso do historiador, o embasamento necessário para que seja o mais verossímil possível. Aqui não podemos esquecer, no entanto, que as escolhas temáticas e as formas de abordagem com as quais trabalhamos já envolvem em si mesmas escolhas intrínsecas a nossas trajetórias individuais e experiências sociais. Neste sentido, Carl Schorske, em capítulo do livro *Viena fin de siècle*, propõe que ao se analisar a trajetória individual de um intelectual e suas implicações em seu pensamento sejam percebidas “três camadas numa escavação psicoarqueológica: a profissional, a política e a pessoal”³. É esta a proposta por ele adotada na análise da produção por Freud de seu livro *A Interpretação dos Sonhos* e do contexto vienense no final do século XIX e início do XX a partir das trajetórias dos anti-semitas Georg von Schönerer e Karl Lueger e do fundador do sionismo Theodor Herzl. Indivíduos empenhados em romperem com o liberalismo da geração de seus pais, em última instância, ansiosos por ocuparem o lugar de seus pais, apresentando uma revolta contra a razão e a lei de modo a ultrapassarem a esfera do político e promoverem

¹ Destacamos o trabalho de Aluizio Alves Filho que, nos anos 70, traz para a esfera de discussão em torno do pensamento político e social brasileiro Manoel Bomfim. Intelectual que representou a crítica ao colonialismo ao qual se referiu como “parasitismo” na sociedade brasileira e que por muito tempo deixou de ser pensado em toda sua relevância para a formação do pensamento político como intelectual do final do século XIX e início do século XX diante do combate à dominação. C.f. FILHO, Aluizio Alves. *Pensamento político no Brasil. Manoel Bomfim: um ensaísta esquecido*. RJ: Achiamé, 1979.

² GINZBURG, Carlo. *Relações de Força – História, Retórica e Prova*. SP: Companhia das Letras, 2002.

³ SCHORSKE, Carl. *Viena Fin-de-Siècle – Política e Cultura*. SP: Companhia das Letras, 1990. p. 181.

uma transformação cultural que marcaria o início do século XX na Áustria. Assim, de acordo com o autor, seria evidente que analisar um intelectual é também, e fundamentalmente, entender que suas percepções da realidade se apresentam marcadas de maneira intensa pelas vivências em campos distintos com as quais estes indivíduos tiveram que dialogar, trocar e, conseqüentemente, aprender. Portanto, as experiências profissionais, políticas e pessoais destes estão presentes em larga medida em suas propostas e idéias.

Partindo das propostas teóricas e metodológicas de Schorske, desenvolvemos como pesquisa de mestrado em História Social pela Universidade Federal Fluminense, trabalho que parte da trajetória individual do rábula, advogado, jornalista e intelectual Evaristo de Moraes, a fim de pensar o discurso jurídico de desqualificação direcionado às classes subalternas no período que denominamos de passagem à modernidade no Brasil que engloba o final do século XIX e início do XX, mais especificamente, as primeiras décadas de governo republicano no país. Buscamos conjugar no desenvolvimento da pesquisa a dimensão pessoal, política e profissional do sujeito histórico individual em questão com o objetivo de obtermos uma visualização mais ampla acerca de suas opções temáticas e ideológicas enquanto intelectual e advogado, já que acreditamos, como Schorske, que pensamento intelectual e trajetória individual se encontram profunda e intensamente imbricados. Diante disto, cabe demonstrar brevemente as particularidades da trajetória de Evaristo de Moraes a fim de que esclareçamos a opção por um debate específico que pretendemos sugerir neste artigo.

Ainda muito jovem Evaristo tornou-se professor do Colégio São Bento no Rio de Janeiro, instituição da qual havia sido aluno gratuito por intervenção de seu pai Basílio de Moraes. Com 18 anos passou a trabalhar como jornalista, campo comum no qual se inseriram muitos intelectuais da época e aos 23 anos inicia-se no campo jurídico como rábula em escritório próprio no centro do Rio. Somente em 1916, aos 45 anos, se gradua em bacharel em direito pela Faculdade Teixeira de Freitas em Niterói. Boa parte de seus clientes era composta por réus pobres e operários, incluindo-se neste rol as prostitutas perseguidas e expulsas de suas casas, localizadas também no centro da cidade, em meio às políticas públicas excludentes e baseadas num discurso médico que em muito influía do discurso jurídico na passagem à modernidade. Por outro lado, trabalhou como Consultor Jurídico de Lindolfo Collor entre 1930 e 1932, apresentando importante atuação na formulação da legislação trabalhista, pauta pela qual há décadas combatia. Morreu em 1939

como presidente da Sociedade Brasileira de Criminologia, demonstrando notável ascensão social e profissional.

Em termos políticos ressaltamos os esforços republicanos e abolicionistas quando Evaristo era ainda muito jovem e a defesa da liberdade e da tolerância por meio do respeito aos direitos individuais e de transformações sociais que melhorassem as condições de vidas dos trabalhadores urbanos, não por meio da revolução, como é importante enfatizar, mas sim pela via legislativa do Estado, pensamento este característico de um socialista reformista⁴ que, embora tenha lido Marx muito superficialmente, se apresenta amplamente vinculado às idéias do socialista francês Benoit Malon. Ressaltamos ainda que sua crítica direcionava-se à exploração dos trabalhadores promovida pelo capitalismo, mas não ao mundo do trabalho em si que se formava no Brasil do período em questão⁵. Todos devem ser trabalhadores e aquele que não trabalha por opção, e não por falta de emprego, é sim “vagabundo” e deve ser conduzido à esfera do trabalho. Embora, evidentemente, não pela via da coerção física e da repressão policial.

Evaristo participou da formação de partidos políticos como o Partido Socialista e o Partido Democrático, mesmo que se preocupasse muito mais com a defesa de causas sociais do que de ideologias políticas. Pauta fundamental de sua militância política foi o combate ao autoritarismo que caracterizou as primeiras décadas da República brasileira, pela qual ele havia trabalhado e com a qual nas décadas de 1910 e 1920 já havia se decepcionado, a ver pelas prisões que sofreu nesta última e que nos auxiliam a compreender seu apoio à Aliança Liberal, à Vargas e à Revolução de 1930.

⁴ Posição informada por seu filho em entrevista a Marcos Luís Bretas e Rosa Maria Barbosa de Araújo em 1978 e que se encontra depositada no CPDOC/FGV. Para uma reflexão sobre as idéias sociais e políticas no Brasil da passagem à modernidade e, mais especificamente, sobre a vertente do socialismo reconhecida como socialismo reformista, c.f. CANDIDO, Antonio. *Teresina, etc.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. Para análise mais detalhada sobre o socialismo e sua propagação entre os intelectuais brasileiros do mesmo período, c.f. FILHO, Gisálio Cerqueira. *A Influência das Idéias Socialistas no Pensamento Político Brasileiro (1890-1922)*. SP: Edições Loyola, 1978.

⁵ Quanto à formação da sociedade burguesa no Brasil e as transformações nas concepções de criminalidade que são refletidas pelo discurso jurídico do final do século XIX e início do XX e se encontram presentes na formulação do Código Penal de 1890, c.f. NEDER, Gizlene. *Discurso Jurídico e Ordem Burguesa no Brasil*. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 1995. Para as particularidades da ação policial no mesmo período de desenvolvimento deste chamado mundo do trabalho, c.f. NEDER, Gizlene e NARO, Nancy. *A instituição policial na cidade do Rio de Janeiro e a construção da ordem burguesa no Brasil*. In: NEDER, Gizlene, NARO, Nancy e SILVA, Nelson Werneck da. (org.). *A Polícia na Corte e no Distrito Federal – 1831-1930*. RJ: PUC, 1981. p. 229-290.

No âmbito pessoal a trajetória de Evaristo oferece particularidades muito instigantes ao analisarmos, como aqui propomos, as relações entre pensamento intelectual e trajetória individual e é este âmbito ao qual será conferido destaque neste breve artigo. Em 1887, aos 16 anos de idade, o jovem Evaristo, sua mãe, seus cinco irmãos, uma tia e a avó paterna são despejados de casa em consequência da perda dos já escassos bens que a família possuía. Em virtude do acontecimento, a família foi viver na casa de João da Costa Rodrigues, compadre de Elisa de Moraes, mãe de Evaristo. Para ajudar a mãe, Evaristo passa a vender bonecas de pano nas ruas do Rio e logo, em razão de seu empenho como estudante, consegue se tornar professor do Colégio São Bento. Como complementação dava aulas particulares e, em seguida, como vimos, começou a trabalhar como jornalista na *Gazeta Nacional* e no *Correio do Povo*. Evaristo ainda casou-se quatro vezes e teve vários filhos provenientes destas diferentes uniões. Algo pouco comum naquele período e que, em conjunto com suas origens social e étnica, complexifica sobremaneira sua trajetória e fornece questões instigantes sobre um indivíduo que logrou ascensão social e notabilidade no campo jurídico excludente do Brasil no final do século XIX e início do século XX. Na esfera pessoal, no entanto, uma questão nevrálgica é por nós apresentada: o pai, Basílio de Moraes. Mais especificamente, dois acontecimentos a ele relacionados, o abandono da família em 1887 e o processo por abuso sexual de crianças que protagonizou entre 1896 e 1897. Defendemos a hipótese de que nestes episódios são tecidos os conflitos familiares de Evaristo e, para além disto, suas principais concepções de direito, pobreza e criminalidade são desenhadas de modo a direcionarem, em última instância, toda uma percepção da realidade social brasileira no período, em meio às desigualdades sociais, ao autoritarismo e à repressão.

Para embasar nossa hipótese é interessante que partamos de um caso emblemático de conflito e ausência do pai: Franz Kafka. Parece improvável, mas veremos que alguns aspectos da trajetória do escritor tcheco e judeu nos ajudam a esclarecer as ambigüidades e os esforços de superação de Evaristo de Moraes, já que sua obra é profundamente marcada por aquela figura que desde a infância lhe impunha medo. Neste caso, o pai era exemplo de força, poder e autoridade, de modo que, diante dele, Kafka sentia-se franzino, frágil e indefeso. O pai era aquele que provinha aos filhos os bens materiais dos quais nunca pudera usufruir e por isto cobrava-lhes retribuição. O próprio Kafka, dirigindo-se ao pai, afirma em 1919: "*Eu podia desfrutar o que você me dava, mas só com vergonha, cansaço, fraqueza,*

*consciência de culpa. Conseqüentemente, por tudo isso eu só conseguia ser grato como um mendigo, nunca através da ação*⁶.

O sofrimento e as humilhações infringidas pelo pai, Herrmann, resultaram em reclusão e solidão, num sentido de incapacidade, de inércia, de imobilização que o impediria de superar seus conflitos por meio da ação, mas apenas de maneira passiva, "grato como um mendigo". Sentimento este que também deu origem a sua repulsa pelo casamento, muito bem trabalhado por Elias Canetti⁷. Casar-se e tornar-se pai significaria assumir a imagem de Herrmann. O pai para ele vinculava-se ao autoritarismo e ao medo, por isso era preciso manter-se o máximo possível distante desta imagem. Daí o noivado com Felice Bauer nunca ter se convertido em casamento.

Os dramas pessoais de Kafka, ainda segundo Elias Canetti, encontram-se presentes, ou melhor, direcionam a trama executada em *O Processo*⁸. O noivado seria a prisão de Joseph K. e o rompimento do mesmo seriam o tribunal e a execução que encerram o livro. Foi, portanto, amplamente na tentativa de superar as marcas de sua própria trajetória que Kafka que se tornou um dos mais reconhecidos autores da literatura na demonstração do poder e do autoritarismo no cotidiano dos indivíduos. Se o pai para Kafka era a representação extrema do autoritarismo, a mãe era, ao contrário, a imagem do afeto, daquela que tentava compensar a desatenção de Herrman com os filhos. Porém, ao fazê-lo, Kafka afirma que ela reafirmaria sua submissão e a de suas irmãs ao pai, pois a todo o momento empenhava-se em conciliá-los. É preciso destacar que a presença do pai não se dava pela via do afeto, mas sim do autoritarismo. Presença esta tão excessiva que marcou toda a trajetória intelectual do filho, já que foi em vista da certeza de sua fraqueza diante do pai que Kafka se representou. Não esqueçamos que o autor viveu ainda um contexto de crescente anti-semitismo na Europa, como nos demonstra o próprio Carl Schoske no livro citado, que fortalecia seus conflitos internos e familiares. Peter Gay⁹ também demonstra que este período foi de crítica à modernidade e de ruptura com a razão e com o autoritarismo prussiano pelos intelectuais de esquerda representantes do expressionismo. Esta seria a revolta do filho oprimido contra o pai autoritário. Daí que matar o pai tenha se tornado expressão comum nas manifestações artísticas do período. Ainda segundo o autor a

⁶ KAFKA, Franz. *Carta ao Pai*. SP: Brasiliense, 1986. p. 19.

⁷ CANETTI, Elias. *O Outro Processo – As Cartas de Kafka a Felice*. RJ: Espaço e Tempo, 1988.

⁸ KAFKA, Franz. *O Processo*. SP: Livraria Exposição do Livro, s/d.

⁹ GAY, Peter. *A Cultura de Weimar*. RJ: Paz e Terra, 1978.

partir de 1930 com a eleição dos nazistas é que se inicia a vingança do pai e as conseqüências são bem conhecidas.

Após esta digressão acerca da trajetória e das questões presentes no pensamento de Kafka, voltemos a Evaristo de Moraes e poderemos compreender o porquê deste paralelo. Partiremos de suas próprias palavras:

"Quando comecei a compreender as coisas minha casa era um grande palco de dor e de amargura. Minha mãe sofria o desprezo do marido, nós, os filhos, sofríamos o pouco caso de nosso pai. Já se passavam necessidades debaixo daquelas telhas. (...) E veio o desenlace. Em 1887 meu pai abandonou definitivamente minha mãe. (...) Foi uma manhã terrível, aquela. Os meirinhos entraram. Tudo o que havia dentro da casa foi despejado na rua. (...) Ficamos eu, minha pobre mãe, meus cinco irmãos, minha avó paterna e uma tia velha sentados na calçada da Rua da Colina: sem pão, sem teto, sem saber para onde ir. (...) Minha mãe lembrou-se do seu compadre João da Costa Rodrigues, casado com D. Maria Tereza. Fomos todos para lá."¹⁰

Outra fala do advogado que, com boa dose de dramatização, relembrou sua vida complementa a citação anterior:

"Foi em 96, quando se deu a grande catástrofe com meu pai. Não preciso aludir a esse caso que me é penoso. Não houve até hoje processo más estrondoso no Brasil. As acusações que se faziam a meu pai deixaram-me no começo, inteiramente aturdido. Veio-me, afinal o impulso de ir defendê-lo. E a única pessoa com quem me aconselhei foi minha mãe. Grande alma! Coração de santa! Ela, que tinha as maiores queixas daquele homem, que, por causa dele, do seu abandono, do seu desprezo, estava no leito de enferma, debulhou-se em lágrimas e disse: 'Vai, meu filho, vai defender teu pai!'. Fui. O júri efetuou-se no Cassino. Havia para mais de três mil pessoas. A opinião pública estava inteiramente contra o réu. Era terrível a acusação. E defendi, defendi meu pai. Não consegui a absolvição, consegui, porém, modificar a opinião. (...) Aquele imenso cenário de estrondo atirava-me à popularidade. (...) veja a suprema bizzarria do destino. Aquele mesmo pai que nunca se incomodou comigo, que foi a causa da morte de minha mãe, que desprezou a todos nós, acusado,

¹⁰ FILHO, Evaristo de Moraes. *Posfácio – Adendo*. In: MORAES, Evaristo de. *Reminiscências de um Rábula Criminalista*. 2ª ed. RJ: Briguiet, 1989. A entrevista que consta no posfácio foi encontrada, segundo Evaristo de Moraes Filho, nos pertences do pai somente em 1973, após a morte de sua irmã mais velha, Dulce de Moraes. Faz parte de uma série intitulada "Os Triunfadores". O filho diz que o recorte de jornal não se encontrava datado, mas indícios demonstram que a entrevista tenha sido fornecida pelo pai em 1924, já que no verso do papel consta a convocatória de uma associação para o que seria o próximo biênio de 1925/1926.

*réu, vinha ser o veículo para que eu conseguisse alguma coisa na vida.*¹¹

Ora o pai e a mãe se encontram aqui reunidos na recapitulação da própria trajetória por Evaristo, assim como estiveram presentes nas cartas de Kafka ao pai. O pai problemático e ausente e a mãe doce, bondosa e afetuosa. Ambas tentando reconciliar e reduzir a distância entre pais e filhos. Evaristo era um mulato de formação católica que viveu o contexto brasileiro das primeiras décadas republicanas, Kafka um judeu em meio ao anti-semitismo que se intensificava na Europa. Porém, viveram processos históricos semelhantes e, principalmente, eram advogados. Não encontramos indícios de que Evaristo tenha lido Kafka, mas não podemos negar as proximidades de seus conflitos pessoais. Problemas com os pais, veneração pelas mães, posturas pouco comuns para a época quanto ao casamento e marcas étnicas ou religiosas que os diferenciavam de padrões dominantes. Além disso, forte presença das marcas de suas trajetórias em suas percepções da realidade social e política e, conseqüentemente, em seus trabalhos intelectuais, como ainda veremos em relação a Evaristo. Não obstante, semelhanças transpassadas por uma diferença fundamental: o pai de Kafka o sufocava porque forte e o de Evaristo o envergonha porque fraco, viciado, execrado socialmente e criminoso. Se um se sentia humilhado e desqualificado pelo pai de modo a isolar-se em razão disto, o outro partiu das características de exclusão e desqualificação presentes no pai e que, ao menos em parte, ele herdou – a cor e o estigma de ser filho de um homem que abusa de crianças –, para construir sua própria trajetória de projeção social e intelectual, ou seja, sua trajetória de superação. Superação que se apresentou por meio de uma atuação intelectual e política que, acreditamos, traz amplamente como questões aquelas que se apresentaram a ele mesmo enquanto mulato, de origem social pobre e, podemos dizer, filho do então muito mal visto Basílio de Moraes.

Nos trechos da entrevista de Evaristo de Moraes datada de 1924 e que anteriormente reproduzimos, vimos o rancor oriundo do abandono do pai em 1887. Vimos, além disso, que foi o próprio Evaristo, então rábula criminalista, quem foi até os tribunais defender o pai quando este fora acusado de abuso sexual das meninas órfãs e abandonadas residentes no Recolhimento Santa Rita de Cássia, localizado em São Cristóvão no Rio de Janeiro e ao qual ele mesmo dirigia. O fez, segundo ele, a pedido da mãe. Afirmação que reproduz na abertura de seu discurso no dia do julgamento conforme descrevem os jornais da época: Evaristo iniciou sua

¹¹ Idem.

fala dizendo "que a sua presença no tribunal obedecia a uma ordem sagrada da mulher que lhe deu o ser: disse que comparecia no tribunal por ordem de sua mãe, para defender seu pai"¹². Ainda de acordo com suas próprias palavras foi o pai que antes teria sido a razão de seu lar ter se transformado em "um grande palco de dor e de amargura" o responsável por sua projeção no campo jurídico, já que seu julgamento lhe deu notoriedade e o ajudou a conseguir "alguma coisa na vida". Assim ele se apropria da imagem negativa do pai para se construir enquanto um filho dedicado e capaz de superar as mágoas do passado e, a pedido da mãe, defender o pai. Atenção a esta maneira de se desvincular de qualquer possibilidade de concordância ou defesa das ações do pai, pois ele estava ali como filho, não de Basílio, mas de Elisa de Moraes. Movimento de superação diante da desqualificação que a imagem do pai direcionava a toda a família. Transformação do ressentimento, que não deixava de existir, em potencial de superação.

Devemos lembrar que, por outro lado, Elisa de Moraes assumiu o papel de pai e mãe desde o abandono de Basílio e foi presença tão forte na vida do filho que acreditamos que a busca de uma mulher idealizada e "perfeita", que fosse igual a sua mãe, se configura em uma possível razão para os quatro casamentos do filho. Mais do que isto: acreditamos, ao mesmo tempo, que Elisa tenha sido responsável pelo interesse de Evaristo pelas questões que envolviam as classes subalternas e a desqualificação e a repressão por elas sofridas no período em que viveu. A pobreza se tornou tema para Evaristo, não apenas porque era questão que em muito preocupava os juristas do final do século XIX e início do XX, mas também porque Elisa buscava aproximá-lo do sofrimento dos pobres e das injustiças por estes vivenciadas. Recorrendo mais uma vez a suas palavras, demonstremos a dedicatória do seu livro *Ensaio de Pathologia Social*: "A' minha Santa Mãe, com quem aprendi a me apiedar de todas as misérias humanas"¹³. Se o pai Basílio em si está ausente, a figura representativa do pai é Elisa. Ao santificá-la Evaristo deposita sobre ela todo o simbolismo do qual Basílio fora destituído. Somando-se a isto, o interesse temático presente na maioria de seus trabalhos situa-se na mãe pobre, lavadeira e, por isso, bastante representativa das mulheres das classes subalternas amplamente desqualificadas. Pensar a pobreza era para Evaristo pensar a si mesmo e a trajetória de sua família. Não é a toa que durante uma de suas prisões por razões políticas em 1924, após três anos da morte de Elisa de Moraes, é sua visão que ele diz ter ao pé de sua cama. Interpretando a suposta

¹² "O Julgamento". *O Paiz*, 7 de abril de 1897.

¹³ MORAES, Evaristo de. *Ensaio de Pathologia Social - Vagabundagem - Alcoolismo - Prostituição - Lenocínio*. RJ: Grande Livraria Leite Ribeiro, 1921. p. 6.

visão como um sonho e reconhecendo, de acordo com Peter Gay¹⁴, inspirado na psicanálise, que os sonhos buscam na realidade os elementos que lhe conferem legibilidade podemos dizer que a realidade autoritária e o sonho reconfortante se encontram. Deste modo, no momento em que sente na pele o autoritarismo republicano que combatia é na imagem “santa” e “pia” da mãe que ele encontra consolo. Após este sonho, Evaristo diz se sentar na cama em lágrimas e escrever um pequeno opúsculo publicado em julho de 1924 no jornal *Correio da Manhã* e posteriormente transformado num livrinho extremamente curto, mas um registro da veneração de um filho por sua mãe e de seu papel notável na construção de sua trajetória política, profissional e intelectual. Apenas para esclarecer nosso argumento reproduziremos aqui alguns breves trechos:

*“Sempre que uma dor moral me punge, uma injustiça me fere, uma perfídia me apunhala, eu penso em ti, penso nos teus ensinamentos e nos teus exemplos. Recolho-me na tua lembrança como um reducto de supremo amparo, como um asylo de paz e mansidão. Recordo os teus primeiros influxos na minha alma de creança e os traços da tua influencia em toda a minha vida. (...) Em certos lances, foste bem superior ao commum dos commentadores, que põem em contribuição vastos recursos de dialectica, seguindo por caminhos longos pedregosos. Com os teus minguados recursos, buscavas veredas mais fáceis, pelas quaes me conduziás sem enfado, deixando-me entrever magnificências que só na idade madura me foram inteiramente reveladas. (...) Não encerra mentira, nem sensibilice, o que fiz gravar na tua sepultura: ‘que eras a mãe de todos os infelizes’. (...) Sim; tu transformavas em meus irmãos quantos deparavas soffrendo, quantos se te aproximavam chorando. Repartias com elles as jazidas de ternura que te enchiam o coração. A tua família era a Família da Dor, essa que não se liga pelo sangue, essa que a desgraça commum gera e multiplica... Os que te conheceram testemunham commigo: elles sabem que fatiavas o teu pão para o repartir pelos mais pobres; que nunca, absolutamente nunca, alguém saiu da tua casa sem consolo; que nenhuma afflicção apagou em ti a ancia de acudir ás afflicções alheias; que tiravas dos teus próprios padecimentos – que foram muitos e constantes – o impulso para socorrer os outros soffredores”.*¹⁵

É evidente que os ensinamentos da mãe foram de crucial importância no direcionamento conferido por Evaristo aos seus debates sobre a pobreza urbana e à sua própria opção como tema. Não é a toa que ele militou contra a repressão dos operários grevistas, dos anarquistas e das prostitutas, por exemplo. Afinal, ser

¹⁴ GAY, Peter. *Freud para Historiadores*. RJ: Paz e Terra, 1989.

¹⁵ Evaristo de Moraes. *Minha Mãe*. Artigo publicado em julho de 1924 no jornal *Correio da Manhã*. A referência da publicação em livro é *Minha Mãe*. RJ: Typographia da S. A. Gazeta da Bolsa, 1925.

tolerante com o outro, com aquele de quem se difere, de quem se discorda foi algo também ensinado por Elisa de Moraes. Afinal, ainda em trecho deste mesmo opúsculo seu filho nos diz: "E a tolerância? Como a cultivavas!"¹⁶. Tolerância esta que fez parte da maneira como ele se propunha a pensar as classes subalternas. Não completamente alheio aos ideais dominantes de seu tempo, mas, sem dúvida, um militante pelos direitos dos pobres de não serem objetos de políticas públicas coercitivas e repressivas. A vinculação aos ideais de tolerância, portanto, é mais uma característica que aproxima a trajetória intelectual de Evaristo dos ensinamentos aprendidos com a mãe no âmbito familiar.

Se a imagem da mãe foi central na construção do pensamento de Evaristo de Moraes, não podemos dizer que o pai, em razão de sua ausência física e dos acontecimentos escandalosos nos quais se envolveu não tenha exercido o mesmo papel. Ao contrário, acreditamos que os conflitos oriundos dos problemas ocasionados por Basílio de Moraes podem ser considerados ainda mais relevantes para o entendimento do pensamento e da trajetória traçada pelo filho. Afinal, como já afirmamos, foi na tentativa de resignificar suas experiências sociais de exclusão – pobre, mulato, filho de pai execrado socialmente – que Evaristo utilizou seu potencial de superação. Ascender socialmente e galgar respeitabilidade no campo jurídico incluía conferir novos contornos ao seu passado e apagar a imagem do pai criminoso, ou ao menos se construir enquanto filho dedicado que apenas defendeu o pai em obediência à mãe. Não esqueçamos que o crime de Basílio de Moraes foi talvez o mais comentado da última década do século XIX no Rio de Janeiro e tomou proporções na imprensa que se, por um lado, projetaram o nome de Evaristo, de outro, levaram a que seus dramas familiares fossem objeto de conhecimento público. Todos na cidade comentavam o caso e execravam o réu. Não havia mais como Evaristo esconder seu passado, já que o abandono do pai, o envolvimento com o jogo, tudo agora vinha à tona no tribunal. A repercussão do caso foi tamanha que o julgamento foi realizado num cassino, com a venda de ingressos e a presença de mais de duas mil pessoas. Ora, sua trajetória familiar ganhava caráter de *show*. Fazer com que uma história de exclusão se tornasse potencial de superação era necessário para sua aceitação no campo jurídico e, conforme vimos, foi isto que Evaristo conseguiu. Sua identidade e sua subjetividade foram, portanto, amplamente construídas em torno da imagem do pai.

A presença simbólica de Basílio de Moraes, no entanto, não de dava apenas neste sentido. Tinha, na verdade, conseqüências que consideramos bastante claras

¹⁶ Idem.

e concretas que podem ser percebidas nas próprias obras de Evaristo. Ora, sobre a criminalidade infantil, as causas de seu crescimento no período em questão e as medidas necessárias ao seu combate, Evaristo de Moraes escreveu dois de seus livros mais conhecidos: *Criminalidade na Infância e na Adolescência*¹⁷ e *Creanças Abandonadas e Creanças Criminosas (notas e observações)*¹⁸. Fez, ao mesmo tempo, severa crítica ao testemunho de crianças nos tribunais¹⁹, pois elas seriam facilmente sugestionáveis e, conseqüentemente, seus depoimentos trariam forte carga de fantasia e de pressão de terceiros, o que se torna bastante interessante quando lembramos que as principais testemunhas no julgamento de seu pai eram as crianças – meninas – que viviam no Recolhimento Santa Rita de Cássia. Somando-se a isto, Evaristo envolveu-se em campanhas de assistência à infância ao lado do médico Moncorvo Filho e foi membro do Patronato de Menores da Capital Federal²⁰. Transformar a infância em questão política e intelectual não seria uma maneira de reafirmar sua distância em relação ao pai? Se não possuímos resposta definitiva a esta questão, sem dúvida ela deve ser ao menos trazida à reflexão.

Mais fundamental, entretanto, do que pensar a relação de Evaristo com a infância é compreender suas concepções de direito para que possamos prosseguir no direcionamento que pretendemos dar à discussão. Evaristo de Moraes considerava que o advogado possuía a “função social” de defesa de todos os indivíduos diante da justiça. O direito seria a expressão dos direitos e deveres dos indivíduos na sociedade e deveria garantir que, se por um lado, todos seguissem determinadas normas de organização social, por outro, tivessem como se protegerem diante das possíveis injustiças cometidas na aplicação destas normas. Daí seu combate contra a violência policial, por exemplo. É importante ver que todos teriam direito à defesa, ou seja, por mais grave que fosse o crime cometido, aquele que o cometeu tem direito a ser representado diante da justiça e garantir que não será condenado de maneira injusta e cruel. Assim, seja um homicida, seja um criminoso passional, ou seja um homem que abusa sexualmente de meninas, não há criminoso que não tenha direito a ser defendido diante dos tribunais. Daí

¹⁷ MORAES, Evaristo de. *Criminalidade na Infância e na Adolescência*. RJ: Jacintho Ribeiro dos Santos Editor, 1916.

¹⁸ MORAES, Evaristo de. *Creanças Abandonadas e Creanças Criminosas (notas e observações)*. RJ: Typ. Moraes, 1900.

¹⁹ C.f. MORAES, Evaristo de. *Erros e vícios do testemunho no processo penal*. In: *Problemas de Direito Penal e de Psychologia Criminal*. RJ: Editores Leite Ribeiro & Maurillo, 1920.

²⁰ Para maiores informações sobre o Patronato de Menores a que nos referimos e a criação, em 1924, do primeiro Juízo de Menores no Rio de Janeiro, c.f. MORAES, Evaristo de. *A luta pela vida do juízo de menores – Crônica*. In: *Revista Forense*. V. 75, ano 35. p. 239-242.

também a crítica às penas excessivas pensadas em larga medida como consequência do medo, destacado por Vera Malaguti²¹, presente no pobre, no mulato, no ex-escravo, ou apenas no outro²² - tão presente entre as classes dominantes nas primeiras décadas republicanas (e por que não dizer ainda hoje?). Medo marcado pela intolerância diante das diferenças. Intolerância que estigmatiza, que marca e que, no caso dos criminosos, os apresenta como indignos de defesa, cruéis de nascimento e incapazes de se ressocializarem²³. Ora, não seria isto a resposta aqueles que o criticaram pela defesa do pai e, simultaneamente, uma influência notável de seu processo nas concepções de direito e criminalidade apresentadas pelo filho? Lembremos que Basílio de Moraes ao longo das investigações em torno dos acontecimentos no asilo que dirigia foi, paulatinamente, ganhando, através da imprensa, ares de "um dos mais monstruosos réos neste fim de século XIX"²⁴. Se era assim, induz-se os leitores a acreditarem que este "monstro" não merecia defesa, já que seria essencialmente cruel e por isso incapaz de viver em sociedade. Mais uma vez acreditamos que esta é uma forma de reflexão bastante viável e cabível em uma análise que se propõe a relacionar trajetória individual e pensamento intelectual em um sujeito histórico permeado por particularidades como Evaristo de Moraes.

Evidentemente, a trajetória e o empenho intelectual de Evaristo também lhe trouxeram outras possibilidades de elaboração de seu pensamento e de ascensão social que foram acrescentadas, conscientemente ou não, a suas experiências pessoais e familiares. Inclusive, é notável a construção de uma rede de sociabilidade que o insere em diferentes esferas sociais, de modo a ampliar e fortalecer as possibilidades de que galgasse posições sociais distintas. Afinal, foi aproveitando-se das oportunidades surgentes que ele morreu em 1939 como presidente da Sociedade Brasileira de Criminologia. Contudo, é verossímil pensar que foi, ao mesmo tempo, respondendo a conflitos internos e inerentes a sua

²¹ BATISTA, Vera Malaguti. *O Medo na Cidade do Rio de Janeiro – Dois tempos de uma história*. RJ: Editora Revan, 2003. C.f. também da autora: *Medo, genocídio e o lugar da ciência*. In: *Discursos Sediciosos – Crime, Direito e Sociedade*. RJ, Ano 4, n. 7 e 8, 1999. p. 135-142.

²² O estranhamento em relação ao outro, aquele que de nós e de nossas idéias se difere, é também apresentado por Gisálio Cerqueira Filho. C.f. FILHO, Gisálio Cerqueira. *Édipo e Excesso – Reflexões sobre Lei e Política*. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2002.

²³ Lembremos que Loïc Wacquant aponta na sociedade um desejo latente de se evitar a ressocialização dos presos e de deixá-los marcados de modo que sejam facilmente reconhecidos e constantemente julgados por seus crimes passados. C.f. WACQUANT, Loïc. *A tentação penal na Europa*. In: *Discursos Sediciosos – Crime, Direito e Sociedade*. RJ, Ano 7, n. 11, 2002. p. 7-39.

²⁴ "Mão Recolhimento". *O Paiz*, 26 de dezembro de 1896.

subjetividade, com destaque para os papéis da mãe e do pai, que ele deu sentido a sua própria trajetória, resignificou seu passado e suas características de exclusão e, o mais importante neste texto, agregou tudo isto à formulação de suas concepções de direito, pobreza e criminalidade. Demonstrar este envolvimento foi nosso principal objetivo neste curto, mas que pretendemos instigante, artigo.

FONTES

MORAES, Evaristo de. *Ensaios de Pathologia Social – Vagabundagem – Alcoolismo – Prostituição – Lenocínio*. RJ: Grande Livraria Leite Ribeiro, 1921.

_____. *Criminalidade na Infância e na Adolescência*. RJ: Jacintho Ribeiro dos Santos Editor, 1916.

_____. *Crianças Abandonadas e Crianças Criminosas (notas e observações)*. RJ: Typ. Moraes, 1900.

_____. *Problemas de Direito Penal e de Psychologia Criminal*. RJ: Editores Leite Ribeiro & Maurillo, 1920.

_____. *Minha Mãe*. RJ: Typographia da S. A. Gazeta da Bolsa, 1925.

_____. *Minha Mãe. Correio da Manhã*, 1924.

_____. *A luta pela vida do juízo de menores – Crônica*. In: Revista Forense. V. 75, ano 35.

_____. *Reminiscências de um Rábula Criminalista*. 2ª ed. RJ: Briguiet, 1989.

Entrevista fornecida por Evaristo de Moraes Filho a Marcos Luís Bretas e Rosa Maria Barbosa de Araújo em 1978. CPDOC/FGV.

“O Julgamento”. *O Paiz*, 7 de abril de 1897.

“Máo Recolhimento”. *O Paiz*, 26 de dezembro de 1896.

BIBLIOGRAFIA

BATISTA, Vera Malaguti. *O Medo na Cidade do Rio de Janeiro – Dois tempos de uma história*. RJ: Editora Revan, 2003.

_____. *Medo, genocídio e o lugar da ciência*. In: Discursos Sediciosos – Crime, Direito e Sociedade. RJ, Ano 4, n. 7 e 8, 1999.

CANDIDO, Antonio. *Teresina, etc*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CANETTI, Elias. *O Outro Processo – As Cartas de Kafka a Felice*. RJ: Espaço e Tempo, 1988.

FILHO, Aluizio Alves. *Pensamento político no Brasil. Manoel Bomfim: um ensaísta esquecido*. RJ: Achiamé, 1979.

FILHO, Gisálio Cerqueira. *A Influência das Idéias Socialistas no Pensamento Político Brasileiro (1890-1922)*. SP: Edições Loyola, 1978.

- _____. *Édipo e Excesso – Reflexões sobre Lei e Política*. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2002.
- GAY, Peter. *A Cultura de Weimar*. RJ: Paz e Terra, 1978.
- _____. *Freud para Historiadores*. RJ: Paz e Terra, 1989.
- GINZBURG, Carlo. *Relações de Força – História, Retórica e Prova*. SP: Companhia das Letras, 2002.
- KAFKA, Franz. *Carta ao Pai*. SP: Brasiliense, 1986.
- _____. *O Processo*. SP: Livraria Exposição do Livro, s/d.
- NEDER, Gizlene, NARO, Nancy e SILVA, Nelson Werneck da. (org.). *A Polícia na Corte e no Distrito Federal – 1831-1930*. RJ: PUC, 1981.
- NEDER, Gizlene. *Discurso Jurídico e Ordem Burguesa no Brasil*. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 1995.
- SCHORSKE, Carl. *Viena Fin-de-Siècle – Política e Cultura*. SP: Companhia das Letras, 1990. p. 181.
- WACQUANT, Loïc. *A tentação penal na Europa*. In: *Discursos Sediciosos – Crime, Direito e Sociedade*. RJ, Ano 7, n. 11, 2002.

RESUMO

O artigo é parte de uma pesquisa que trata da trajetória individual de Evaristo de Moraes e de sua relação com as classes subalternas no final do século XIX e início do século XX no Brasil. Aqui enfatizamos os principais aspectos referentes à sua trajetória pessoal, em especial seus conflitos com o pai Basílio de Moraes e sua admiração pela mãe Elisa de Moraes, como parte da formação de sua subjetividade e, conseqüentemente, de suas concepções sobre direitos e pobreza urbana. A partir disto, demonstramos a construção, por Evaristo, de possibilidades e alternativas para superar suas marcas de exclusão e alcançar ascensão social e respeitabilidade no campo jurídico do período. As influências de temas e ideologias que suas experiências pessoais acarretaram ao seu pensamento são, portanto, questões essenciais da discussão.

ABSTRACT

This paper is part of a research about Evaristo de Moraes' individual trajectory and his relationship with the subordinated classes in the end of the 19th century and the beginning or the 20th century in Brazil. Here we emphasize the principles aspects concerning to his personal trajectory, specially his conflicts with his father Basílio de

Moraes and his admiration by his mother Elisa de Moraes, as part of the formation of his subjectivity and, consequently, of his conceptions about rights and urban poverty. Starting from that, we demonstrate the construction, by Evaristo, of possibilities and alternatives to overcome his exclusion's marks and reach social ascent and respectability in the legal sphere. Influences of themes and ideologies that his personal experiences result in his thought are, therefore, essential issues of the discussion.

Palavras-chave: Evaristo de Moraes, trajetória individual, experiências pessoais, pobreza urbana, construção do pensamento intelectual.

Keywords: Evaristo de Moraes, individual trajectory, personal experiences, urban poverty, construction of the intellectual thought.

* A autora cursa o mestrado de História Social na Universidade Federal Fluminense.